

## O Cristo de mil rostos

Gabriel Perissé<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo, aborda-se a ideia de que o rosto de Cristo, não descrito nos textos evangélicos, expressa, em suas múltiplas manifestações iconográficas e cinematográficas, simultaneamente divindade e humanidade, em diálogo com a condição humana.

**Palavras Chave:** O rosto de Cristo. União hipostática. Evangelhos. *Imitatio Christi*.

**Abstract:** This article explores how the face of Christ, though not explicitly described in the Gospels, has been depicted in various artistic and cinematic representations. An examination of these representations reveals the simultaneous conveyance of divine and human qualities, in dialogue with the human condition.

**Keywords:** The face of Christ. Hypostatic union. Gospels. *Imitatio Christi*.

A manifestação do rosto humano de Deus em Jesus Cristo é, em linguagem teológica, a realização fática da união entre as naturezas humana e divina numa única Pessoa (a segunda Pessoa da Trindade). Trata-se da *união hipostática*, tal como foi intuída nos textos evangélicos e, mais tarde, definida dogmáticamente, com precisão terminológica, no Concílio de Calcedônia (século V).

A união entre o Filho eterno e o homem Jesus de Nazaré está no centro da fé cristã, e, em razão desta centralidade, suscitou inúmeros e dramáticos debates. E esses debates não se encerraram ainda. As chamadas “heresias cristológicas” (como, por exemplo, o arianismo e o adocionismo, que veem Jesus como homem divinizado, mas não como Deus) parecem sobreviver de modo mais ou menos velado no pensamento teológico e filosófico contemporâneo, bem como em variadas expressões artísticas. Aliás, como heresias (isto é, opiniões divergentes da ortodoxia), continuam a exercer uma função renovadora, preservando a fé cristã da fossilização e da indolência, como provocava Hans Küng num de seus livros.<sup>2</sup>

Concentremo-nos, no entanto, num aspecto instigante desta união ontológica entre humanidade e divindade: o rosto de Cristo.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia (PUCRS) e Doutor em Filosofia da Educação (USP). Site pessoal: [www.gabrielperisse.com](http://www.gabrielperisse.com)

<sup>2</sup> “As heresias têm a função de preservar a Igreja da estagnação e da fossilização em sua doutrina e vida, de protegê-la da indolente saciedade da autocomplacência, de mantê-la em movimento, impulsioná-la para frente e provocá-la a uma fidelidade maior ao evangelho. Quantas vezes não foram as heresias precursoras de boas novidades na Igreja, e quantas vezes não foram também setas indicadoras da boa e velha tradição!” (KÜNG, Hans. *La iglesia*, p. 306.)

Mais propriamente falando, os seus mil rostos, pois não há uma descrição objetiva de como este rosto seria, de fato, aos olhos das testemunhas que o viram pessoalmente. Como se sabe, os Evangelhos não atendem à nossa curiosidade de leitores de biografias. Pois não é, de forma alguma, uma biografia, no sentido como a definimos hoje. É o resultado (graças a uma longa e acidentada elaboração de textos e de eliminação de um número ainda maior de textos considerados apócrifos) da pregação primitiva por parte dos cristãos. É, se quisermos, uma “teografia”, em que a ênfase recai sobre os relatos, metáforas, sinais e símbolos que revelam a presença real, histórica, de Deus no meio de nós (Deus-conosco), mediante a presença física de um ser social e culturalmente localizado e identificado: o homem Jesus.<sup>3</sup>

O rosto de Jesus não é descrito, mas é mencionado explicitamente. Em Mt 17,2: “Ele foi transfigurado diante deles: seu rosto brilhou como o sol e suas vestes ficaram brancas como a luz”. Numa situação diametralmente oposta à glorificação do Monte Tabor, já agora nos porões da tortura, lemos em Mt 26,67: “Então, cuspiram no seu rosto e o espancaram, e outros o esbofeteavam [...]”. Dois momentos em que, de um lado, o rosto se transfigura na glorificação máxima, e, do outro, se desfigura na violência e na humilhação.

Esses dois extremos apontam para uma realidade observável, embora nem sempre tenhamos consciência plena a respeito: o rosto humano nunca é uma realidade fixa. “O rosto é objeto de um trabalho pessoal, indispensável à conversação e às trocas entre os homens”.<sup>4</sup> O rosto é maleável, assume várias “máscaras” comunicacionais (de medo, alegria, tristeza, desprezo, ódio, inveja etc.), expressando, ou fingindo expressar sentimentos, como no caso do rosto enganoso, do rosto hipócrita, em sentido moral, de quem, por exemplo, simula sofrimento maior do que de fato sente (cf. Mt 6,16), ou como no caso dos atores do teatro grego, em sentido positivo e criativo, os justamente chamados ὑποκριταί, que desempenhavam bem os seus papéis dramáticos e como “hipócritas” eram elogiados, ao contrário do que ocorre no contexto dos Evangelhos.

Nas duas passagens de Mateus citadas anteriormente (Mt 17,2 e Mt 26,67), a palavra em grego correspondente a “rosto” é πρόσωπον, cujo significado básico é “rosto humano”, de fato, em referência à presença de um indivíduo em concreto, de um “eu” biológico e psíquico,

---

<sup>3</sup> Para o teólogo espanhol Ulpiano Vázquez Moro, “teografia” possui um sentido de busca pessoal. Há uma conotação mais existencial e mais individual, digamos assim: “Teografia significa que a orientação é possível graças às marcas de Deus na vida de cada um de nós. Deus escreve em nossas vidas. Na vida de cada um de nós há uma escrita, que podemos ler. Isso é a ‘teografia’: não tanto o que está escrito na Bíblia, mas o que Deus escreveu no nosso próprio coração.” (VÁZQUEZ MORO, Ulpiano. *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*, p. 10.)

<sup>4</sup> COURTINE, Jean-Jacques e HAROCHE, Claudine. *História do rosto: exprimir e calar as emoções*, p. 9.

rosto como parte importantíssima da epifania da pessoa humana, que, porém, além de manifestação facial, máscara natural legítima, pode, desde cedo, ser recoberta por múltiplas máscaras externas, sociais (as *personae* do teatro da vida), com as quais tentamos nos relacionar de modo mais ou menos sincero com nosso “público-alvo” particular. Como viu Fernando Pessoa (na verdade, o seu heterônimo, a sua “máscara poética” chamada Álvaro de Campos), quando finalmente resolvemos nos livrar das máscaras sociais equivocadas, percebemos que já estão há demasiado tempo coladas ao nosso rosto (cf. o poema “Tabacaria”).<sup>5</sup>

Vemos Jesus observando e interagindo com diversas máscaras em seu entorno: a máscara do publicano, do pescador, da prostituta, da viúva, da adúltera, do fariseu, do saduceu, do escriba, do centurião, do samaritano, do condenado à morte, do cego de nascença, do traidor etc. Para além das máscaras, ultrapassando as aparências, procurava ele criar uma relação pessoal única e inédita com todo e qualquer indivíduo, resgatando-o do anonimato, do gregarismo, da autoilusão, do autoengano, da dúvida, do narcisismo, da marginalização, da impureza, do estigma social ou religioso. Seu olhar (e seu rosto) voltava-se, sobretudo, para os indivíduos descartados da sociedade (mulheres, crianças, pobres, doentes, escravos, estrangeiros, pecadores públicos), e a eles dedicava atenção inusitada.

Ao contrário dos que, como o poeta percebeu, veem as máscaras colarem ao próprio rosto, os relatos do Evangelho mostram um Jesus sem duplicidade, um homem sem duas caras, sem vida dupla e, portanto, sem um duplifalar. A sua identidade pessoal não era, ao que tudo indica, um problema existencial a resolver, não era motivo de conflito ou angústia. O ego hipostático do *Logos* é autoconsciente: o ser humano Jesus sabe que é Deus e o Filho de Deus sabe que é um ser humano.<sup>6</sup> Em seu reencontro com os discípulos, após duas noites em que estes se viram acoitados por todo tipo de temores e culpas, afirma com total segurança sua própria identidade: “sou eu mesmo” (Lc 24,39). O problema existencial (e teológico) é nosso.

---

<sup>5</sup> Fiz de mim o que não soube,  
E o que podia fazer de mim não o fiz.  
O dominó que vesti era errado.  
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.  
Quando quis tirar a máscara,  
Estava pegada á cara.  
Quando a tirei e me vi ao espelho,  
Já tinha envelhecido. (PESSOA, Fernando. *Obra completa de Álvaro de Campos*, p. 203-204)

<sup>6</sup> Cf. DUPUIS, Jacques. *Introdução à cristologia*, p. 160-161.

O rosto de Cristo é “o rosto mais conhecido no mundo ocidental”.<sup>7</sup> A rigor, o mais conhecido e o mais desconhecido. A ausência de informações que retratassem esse rosto deve-se ao desinteresse dos relatos evangélicos quanto ao seu aspecto físico, conforme sabemos. Na falta de registros literários ou pictóricos, no entanto, abriu-se (vantajosamente) espaço inesgotável para a criação subjetiva e a idealização: “a inexistência de um retrato verdadeiro de Cristo permitiu que o seu rosto se encarnasse numa multiplicidade de semblantes”.<sup>8</sup>

Quem lê os textos evangélicos, intuindo a incondicional solidariedade de Cristo com os seres humanos descartados pelo ódio e pela violência, poderá se sentir interpelado a imprimir um impulso novo em seu processo pessoal de humanização.

Uma cristologia do encontro, em que o tema da relação interpessoal é crucial,<sup>9</sup> partirá da premissa de que a busca pelo rosto de Cristo constitui o primeiro passo para esta relação (e também o passo fundamental da teologia).<sup>10</sup>

A multiplicidade de rostos de Cristo na arte (incluindo o rosto que os atores lhe emprestam no teatro, na TV e no cinema) ilustra o que é mais importante na relação face a face. Cada nova obra de arte, mais do que reproduzir o “verdadeiro” Jesus do ponto de vista fisionômico e fisiológico, captará a verdade da sua personalidade. O principal efeito estético-religioso dessa obra consistirá em nos fazer reencontrar a pessoa do Cristo.

Diante dos inúmeros semblantes, desde o “Cristo de barba”, na catacumba de Santa Comodila, em Roma (séc. III);



11

---

<sup>7</sup> TREVISAN, Armindo. *O rosto de Cristo: a formação do imaginário e da arte cristã*, p. 13.

<sup>8</sup> TREVISAN, Armindo. *O rosto de Cristo: a formação do imaginário e da arte cristã*, p. 25.

<sup>9</sup> Cf. PERISSÉ, Gabriel. *Ele está no meio de nós: uma cristologia do encontro*.

<sup>10</sup> Que Deus tenha vindo ao nosso encontro confere à teologia sua mais importante tarefa: procurar sempre a sua face, como pensava Agostinho (cf. RATZINGER, Joseph. *El Dios de la fe y el Dios de los filósofos*, p. 32).

desde o Cristo imberbe, no centro de um mosaico do século IV, descoberto na Inglaterra;



12

passando pelo Cristo todo-poderoso e misericordioso (a mão direita erguida para abençoar), em estilo bizantino, como o da catedral de Cefalù na Sicília, do século XII;



13

ao Cristo de Leonardo da Vinci (séc. XV), num momento dramático da Última Ceia;



14

ao Cristo de Antônio Francisco Lisboa (séc. XVIII), em agonia e êxtase;

---

<sup>11</sup> [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8d/Christ\\_with\\_beard.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8d/Christ_with_beard.jpg) (Acesso em 23/10/2021)

<sup>12</sup> [https://www.vanderbilt.edu/AnS/Classics/roman\\_provinces/britain/image16.htm](https://www.vanderbilt.edu/AnS/Classics/roman_provinces/britain/image16.htm)(Acesso em 23/10/2021))

<sup>13</sup> [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cefal%C3%B9\\_Pantocrator\\_retouched.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cefal%C3%B9_Pantocrator_retouched.jpg) (Acesso em 23/10/2021)

<sup>14</sup> [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4b/%C3%9Altima\\_Cena\\_-\\_Da\\_Vinci\\_5.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4b/%C3%9Altima_Cena_-_Da_Vinci_5.jpg) (Acesso em 23/10/2021)



15

ao rosto sereno do Cristo Redentor, do escultor polonês Paul Landowski Maximilien (séc. XX);



16

ao Jesus do novo milênio, *Jesus of the people*, da artista plástica estadunidense Janet Mckenzie, representação vencedora do concurso “Jesus 2000” patrocinado pelo *National Catholic Reporter*;

---

<sup>15</sup> <https://www.pinterest.it/pin/491947959274596793/> (Acesso em 23/10/2021)

<sup>16</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Cristo\\_Redentor\\_head.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Cristo_Redentor_head.jpg) (Acesso em 23/10/2021)



17

às feições jovens do Cristo Protetor (2022), do arquiteto Markos Moura na cidade de Encantado (RS), construído ao longo dos dois anos da pandemia;



18

até os Cristos televisivos e cinematográficos das últimas décadas, a exemplo do líder intransigente, de Pasolini, em *O evangelho segundo são Mateus* (1964), interpretado por Enrique Irazoqui;

---

<sup>17</sup> [https://natcath.org/NCR\\_Online/graphics/Jesus%202000%20winner.jpg](https://natcath.org/NCR_Online/graphics/Jesus%202000%20winner.jpg) (Acesso em 23/10/2021)

<sup>18</sup> [https://www.tiliasnews.com.br/uploads/fotos\\_noticias/20220423\\_1c0h16ff.jpg](https://www.tiliasnews.com.br/uploads/fotos_noticias/20220423_1c0h16ff.jpg) (Acesso em 23/10/2021)



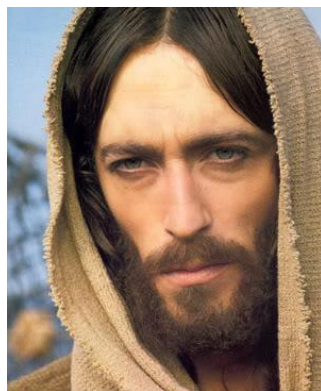
19

do Jesus realista da vida rural, interpretado por Pier Maria Rossi, em *O messias*, de Roberto Rossellini (1975);



20

do Messias intensamente introspectivo, com Robert Powell, em *Jesus de Nazaré*, dirigido por Franco Zeffirelli (1977);



21

---

<sup>19</sup> [https://miro.medium.com/max/1040/1\\*RkUccLSB0mywaFj3FrpkoQ.jpeg](https://miro.medium.com/max/1040/1*RkUccLSB0mywaFj3FrpkoQ.jpeg) (Acesso em 23/10/2021)

<sup>20</sup> <https://iv1.lisimg.com/image/4645658/435full-pier-maria-rossi.jpg> (Acesso em 23/10/2021)

<sup>21</sup> <https://images4.fanpop.com/image/photos/23700000/Jesus-Of-Nazareth-Photos-from-the-MovieJesus-played-by-Robert-Powell-jesus-23779883-300-364.jpg> (Acesso em 23/10/2021)  
[https://www.ragusaneews.com//immagini\\_articoli/30-03-2018/quando-gesu-willem-dafoe-pilatodavid-bowie-ultima-tentazione-500.jpg](https://www.ragusaneews.com//immagini_articoli/30-03-2018/quando-gesu-willem-dafoe-pilatodavid-bowie-ultima-tentazione-500.jpg) (Acesso em 23/10/2021)



do Cristo atormentado em *A última tentação de Cristo*, de Martin Scorsese (1988), com Willem Dafoe;



22

do Cristo idealista, em *Jesus de Montreal*, de Denys Arcand (1989), com o canadense Lothaire Bluteau, em que um jovem ator é Jesus numa peça vanguardista e, em paralelo, na dura realidade cotidiana;



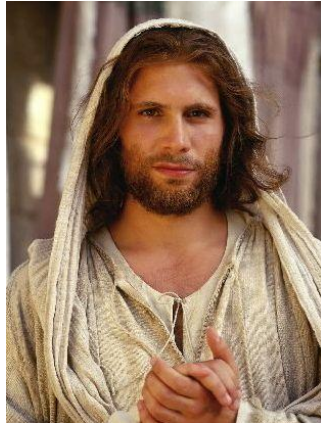
23

do Jesus Cristo doce e pueril, de Jeremy Sisto, no telefilme *Jesus*, dirigido por Roger Young (1999);

---

<sup>22</sup> [https://www.ragusanews.com/immagini\\_articoli/30-03-2018/quando-gesu-willem-dafoe-pilatodavid-bowie-ultima-tentazione-500.jpg](https://www.ragusanews.com/immagini_articoli/30-03-2018/quando-gesu-willem-dafoe-pilatodavid-bowie-ultima-tentazione-500.jpg) (Acesso em 23/10/2021)

<sup>23</sup> <https://vejasp.abril.com.br/wp-content/uploads/2016/12/jesus-de-montreal.jpg> (Acesso em 23/10/2021)



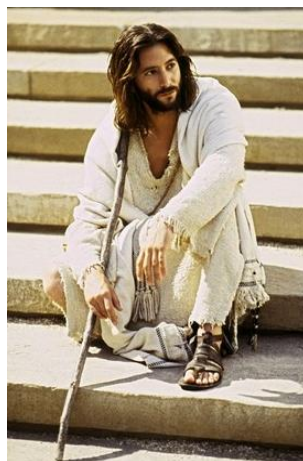
24

do Cristo negro, brasileiro, da comédia *O auto da Compadecida* (2000), dirigida por Guel Arraes, e baseada na peça teatral de Ariano Suassuna, com o ator Maurício Gonçalves;



25

do Cristo didático e meio artificial, de *O evangelho segundo João*, dirigido por Philip Saville (2003), com Henry Ian Cusick;



26

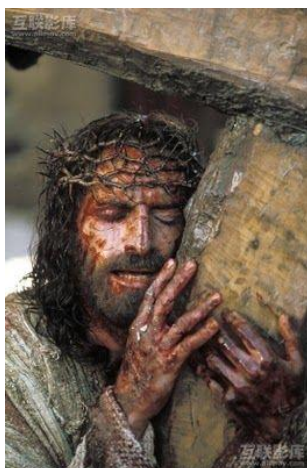
do Cristo hiper-realista (e polêmico) do ator Jim Caviezel, em *A Paixão de Cristo*, dirigido por Mel Gibson (2004);

---

<sup>24</sup> <https://i.pinimg.com/564x/6c/a9/76/6ca976ec06a7581244318ac39f524200.jpg> (Acesso em 23/10/2021)

<sup>25</sup> [https://mais.opovo.com.br/\\_midias/jpg/2021/03/31/o\\_auto\\_da\\_compadecida\\_mauricio\\_goncalves15322703.jpg](https://mais.opovo.com.br/_midias/jpg/2021/03/31/o_auto_da_compadecida_mauricio_goncalves15322703.jpg) (Acesso em 23/10/2021)

<sup>26</sup> [https://www.rottentomatoes.com/m/the\\_gospel\\_of\\_john#&gid=1&pid=2](https://www.rottentomatoes.com/m/the_gospel_of_john#&gid=1&pid=2) (Acesso em 23/10/2021)



e do Jesus desafiador, interpretado por Joaquin Phoenix, em *Maria Madalena*, do diretor Garth Davis (2018), com belo roteiro baseado em versão não oficial do Evangelho.



Recentemente, surgiu nova leitura cinematográfica da vida de Jesus: a série *The Chosen* (2019-2024), direção de Dallas Jenkins. Está disponível em plataformas de *streaming*. O roteiro enfatiza os encontros com discípulos e adversários, tão protagonistas quanto o Cristo, vivido pelo ator Jonathan Roumie.

---

<sup>27</sup> <https://i.pinimg.com/564x/a9/2e/91/a92e9163f02e224cc7e079042f39c33c.jpg> (Acesso em 23/10/2021)

<sup>28</sup> <https://storage.stwonline.com.br/180graus/uploads/ckeditor/pictures/2313972/jesus-phoenix-1024x465.jpg> (Acesso em 23/10/2021)



29

O Jesus Cristo de *The chosen* é profundamente humano. Exigente e amoroso com aqueles que o seguem, exerce uma liderança firme e bem-humorada. Irônico muitas vezes, tem clara consciência de que seu destino, e seguramente o dos discípulos, será marcado pela dor e pelo aparente fracasso. Mas isso não o torna amargo nem o atemoriza. Vive a sua divindade com naturalidade, com a mesma naturalidade com que faz trabalhos manuais. “Nenhum ser humano se atreveria a colocar-se no lugar de Deus. É o que Jesus faz, no entanto, de modo simples e natural, ao convocar os perdidos da terra e convidá-los a participar da alegria do perdão de Deus.”<sup>30</sup>

O rosto nos dá a pessoa, num modo de presença que inclui e transcende os traços específicos desse mesmo rosto. Os mil rostos de Cristo, cada qual interpretado por um diferente rosto na saga da *imitatio Christi*, faz pensar que, afinal, esse rosto (e o nosso também) remete sempre a algo para além do visível, do delimitável e do mensurável. O pensador Romano Guardini lembra que, quando estudante, ouvia com frequência a citação de uma frase que um anatomista materialista teria dito: “Já dissequei muitos corpos humanos, mas nunca encontrei a alma”.<sup>31</sup> Refletia então:

A frase é de uma cegueira chocante. Se esse conhecedor da anatomia humana viesse a encontrar uma alma, o que pensaria ter diante dos olhos? O pedaço de uma esquisita substância? Um órgão especial desprovido de função orgânica, mas destinado a secretar pensamentos? Ou talvez uma espécie particular de reações eletroneurológicas? A alma não se encontra no corpo como uma parte material ao

---

<sup>29</sup><https://static.wikia.nocookie.net/the-chosen-tv-series/images/b/b4/Jesus.jpg/revision/latest/scale-to-width-down/1000?cb=20210712112024> (Acesso em 23/10/2021)

<sup>30</sup> PIKAZA, Xabier. *Los orígenes de Jesús: ensayos de cristología bíblica*, p. 125.

<sup>31</sup> GUARDINI, Romano. *Les sens et la connaissance de Dieu*, p. 27.

lado de outras, mas ela se dá através de todas as partes do corpo e de suas funções em sua maneira própria, ou seja, na forma expressiva que a revela. Quando o anatomista, durante uma dissecação, volta os olhos para o seu assistente, pode ver na fisionomia deste a admiração diante de um corte de bisturi bem feito ou a alegria maldosa quando o corte não dá certo; no final do dia, em casa, conversando com sua esposa, o anatomista poderá ver no rosto dela a compreensão e a ternura. Em ambos os casos, ele estará vendo a alma dessas pessoas e só poderá contestar essa realidade quando queira desempenhar de novo o seu papel de cientista. Ele negará então a visão real, que ele vive todos os dias, para dizer bobagens “científicas”.<sup>32</sup>

Numa visão realista e integradora, o rosto é, no mundo visível, a própria alma em ação. Voltando-nos para o rosto de Cristo que tenhamos possibilidade de imaginar, captaremos, além da sua compreensão, bondade, tristeza, cólera (sinais de humanidade), captaremos também, de alguma forma, sinais teofânicos, não como reflexo da glória de Javé, como ocorreu com Moisés, cuja pele do rosto brilhava quando se aproximava do Monte Sinai (cf. Ex 34,29-35), mas como um resplendor que emanava de si mesmo, do próprio Cristo, como expressão de sua interioridade mais profunda.

Toda pessoa expressa a sua profundidade vital, a sua genuína (e desconhecida...) identidade, mas, para que essa expressão faça sentido, é preciso que haja um outro a quem ela se expresse. O Cristo de mil rostos procura todos os rostos com os quais possa dialogar. A palavra “‘expressão’ significa a passagem para o visível daquilo que, em si, é invisível”.<sup>33</sup> A divindade é invisível em si, mas se expressa na visibilidade do rosto de Cristo, no seu olhar penetrante, na cor da sua pele, no comprimento da sua barba, com a expectativa de estabelecer encontro com todos os rostos da humanidade.

## REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques e HAROCHE, Claudine. *História do rosto: exprimir e calar as emoções*. Trad.: Marcus Penchel. Petrópolis (RJ): Vozes, 2016.

DUPUIS, Jacques. *Introdução à cristologia*. 4. ed. Trad.: Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 2012.

---

<sup>32</sup> GUARDINI, Romano. *Les sens et la connaissance de Dieu*, p. 27-28.

<sup>33</sup> GUARDINI, Romano. *Les sens et la connaissance de Dieu*, p. 29.

GUARDINI, Romano. *Les sens et la connaissance de Dieu*. 2. ed. Trad.: Thomas Patfoort. Paris: Cerf, 1957.

KÜNG, Hans. *La iglesia*. Trad.: Daniel Ruiz Bueno. Barcelona: Herder, 1968.

PERISSÉ, Gabriel. *Ele está no meio de nós: uma cristologia do encontro*. São Paulo: Paulus, 2024.

PESSOA, Fernando. *Obra completa de Álvaro de Campos*. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2015.

PIKAZA, Xabier. *Los orígenes de Jesús: ensayos de cristología bíblica*. Salamanca: Sígueme, 1976.

RATZINGER, Joseph. *El Dios de la fe y el Dios de los filósofos*. Trad.: Jesús Aguirre. Madrid: Encuentro, 2006.

TREVISAN, Armindo. *O rosto de Cristo: a formação do imaginário e da arte cristã*. Porto Alegre: AGE, 2003.

VÁZQUEZ MORO, Ulpiano. *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*. São Paulo: Loyola, 2001.

Recebido para publicação em 13-10-24; aceito em 27-10-24